



José Eduardo Coutinho Filho

futebol *globalizado*

paixão de bilhões, mercado de trilhões

Prefácio por Luiz Felipe Guimarães Santoro



editora
D'PLÁCIDO

Futebol globalizado

Paixão de bilhões, mercado de trilhões

Futebol globalizado

Paixão de bilhões, mercado de trilhões

José Eduardo Coutinho Filho



“O desprezo de muitos intelectuais conservadores se baseia na certeza de que a idolatria da bola é a superstição que o povo merece. Possuída pelo futebol, a plebe pensa com os pés, como corresponde, e nesse gozo subalterno se realiza.”

Eduardo Galeano

*Aos meus familiares e amigos pelo apoio incondicional.
Aos amantes do futebol, por manterem a pelota rodando.*

Sumário

| | |
|---|----|
| <i>Prefácio por Luiz Felipe Guimarães Santoro</i> | 15 |
| <i>Prólogo por José Eduardo Coutinho Filho</i> | 19 |
| <i>Introdução: “Aquecimento”</i> | 21 |

“1º Tempo”

Parte I

O futebol globalizado e seu mercado global de transferências

| | |
|---|-----------|
| 1. Futebol, globalização e a formação de um mercado de trabalho e consumo global | 29 |
| 1.1. Globalização: breves considerações..... | 29 |
| 1.2. Futebol: do lúdico ao global | 31 |
| 1.3. Futebol globalizado..... | 37 |
| 1.4. Futebol no Século XXI: mercado de trilhões, paixão de bilhões e emprego de milhões | 44 |
| 1.5. Futebol, globalização e identidade nacional | 48 |
| 2. O mercado global de transferências no futebol e as relações de trabalho no mundo globalizado | 53 |
| 2.1. A proteção social do trabalhador no mundo globalizado..... | 53 |
| 2.2. Noções gerais sobre transferência de atleta | 57 |
| 2.3. A lógica dos países exportadores de “matéria-prima” e os produtores de “bens de valor agregado” sob a ótica do futebol | 60 |
| 2.4. A mercantilização da força de trabalho e a reflexão acerca das relações de trabalho no mundo globalizado..... | 80 |
| 3. Mercado global de transferências no futebol: da regulação à lex sportiva | 85 |

| | |
|---|-----|
| 3.1. O mercado global de transferências no futebol..... | 85 |
| 3.1.1. O Caso Bosman..... | 86 |
| 3.1.2. Os possíveis efeitos do <i>Brexit</i> ao mercado global de transferências..... | 94 |
| 3.2. A proteção dos entes públicos ao atleta estrangeiro..... | 100 |
| 3.3. Pluralidade do Direito e a <i>Lex Sportiva</i> | 108 |
| 3.4. A proteção dos entes privados ao atleta estrangeiro: <i>FIFA Regulations on the Status and Transfer os Players</i> | 112 |
| 3.4.1. A estrutura organizacional do futebol mundial..... | 112 |
| 3.4.2. A <i>Fédération Internationale de Football Association</i> | 119 |
| 3.4.3. <i>FIFA Regulations on the Status and Transfer of Players</i> | 122 |
| 3.5. A questão da transferência do atleta menor..... | 126 |
| 3.6. O mercado de transferências no futebol feminino..... | 129 |
| 3.7. A necessidade e a viabilidade da regulação do mercado global de transferências no futebol..... | 131 |

“Intervalo”

Parte II

O futebol globalizado e a formação dos conglomerados esportivos

| | |
|---|------------|
| 4. A formação de conglomerados transnacionais de entidades de prática esportiva e seus possíveis efeitos ao universo do futebol..... | 141 |
| 4.1. Empresas multinacionais, transnacionais e conglomerados econômicos..... | 141 |
| 4.2. A formação e a conceituação dos conglomerados esportivos..... | 143 |
| 4.3. O <i>City Football Group</i> | 148 |
| 4.4. O grupo <i>Red Bull</i> | 154 |
| 4.5. <i>Multi-club ownership</i> no futebol..... | 157 |
| 4.6. O <i>Hyundai Group</i> | 158 |
| 4.7. O <i>Kroenke Sports & Entertainment</i> | 160 |
| 4.8. O <i>Anschutz Entertainment Group</i> | 163 |
| 4.9. O <i>Suning Holding Group</i> | 166 |
| 4.10. O <i>King Power International Group</i> | 168 |
| 4.11. Grupo em formação: O caso <i>Atlético de Madrid</i> | 171 |

| | |
|--|-----|
| 4.12. Os grupos de clubes de futebol controlados por pessoas físicas..... | 176 |
| 4.13. Os grupos de clubes poliesportivos..... | 177 |
| 4.14. Conglomerados esportivos e o equilíbrio do futebol..... | 179 |
| 4.14.1. A influência direta dos conglomerados esportivos no equilíbrio das competições..... | 181 |
| 4.14.2. A influência indireta dos conglomerados esportivos no equilíbrio das competições..... | 190 |
| 4.15. Conglomerados esportivos e a condição laboral de seus profissionais..... | 192 |
| 4.16. Conglomerados esportivos e o futebol do futuro..... | 197 |
| 4.16.1. Análise de cenário hipotético: o futebol dominado pelos conglomerados esportivos..... | 201 |
| 4.16.2. Conglomerados esportivos: entre a proibição e a liberalização..... | 203 |
| 4.16.3. Conglomerados esportivos: o futuro é agora..... | 206 |

“2º Tempo”

Parte III

O futebol globalizado e a atuação das entidades de administração do desporto

| | |
|---|------------|
| 5. A atuação privada das entidades de administração do desporto e o futebol do futuro..... | 211 |
| 5.1. FIFA, <i>For the Game. For the World</i> | 211 |
| 5.1.1. <i>Operation Clearing House</i> | 212 |
| 5.1.2. <i>FIFA Forward</i> | 214 |
| 5.1.3. <i>FIFA Foundation</i> | 218 |
| 5.2. UEFA, <i>We care about Football</i> | 220 |
| 5.2.1. <i>UEFA Financial fair play</i> | 221 |
| 5.2.1.1. <i>O caso Manchester City</i> | 225 |
| 5.2.2. <i>UEFA Foundation for children</i> | 231 |
| 5.2.3. <i>UEFA Protection of young players</i> | 233 |
| 5.2.4. <i>UEFA HatTrick</i> | 234 |
| 5.3. CONMEBOL, <i>Cree en grande</i> | 237 |
| 5.3.1. <i>Programa Evolución</i> | 237 |
| 5.4. CONCACAF, <i>One CONCACAF</i> | 239 |

| | |
|---|-----|
| 5.4.1. CONCACAF NextPlay..... | 240 |
| 5.5. OFC..... | 241 |
| 5.5.1. OFC Football Development..... | 242 |
| 5.6. CBF, A Casa do Futebol Brasileiro..... | 243 |
| 5.6.1. Certificado de Clube Formador da CBF..... | 244 |
| 5.6.2. Política do sistema de gestão de qualidade da CBF..... | 247 |
| 5.6.3. CBF Social..... | 249 |
| 5.7. LaLiga, No es fútbol, es LaLiga..... | 250 |
| 5.7.1. LaLiga Fair Play Social..... | 250 |
| 5.8. MLS, Our Soccer..... | 251 |
| 5.8.1. Major Leagues..... | 252 |
| 5.8.2. MLS Salary Cap..... | 254 |

“Prorrogação”

Parte IV

O futebol globalizado como instrumento de soft power

| | |
|---|------------|
| 6. O futebol como instrumento de soft power..... | 259 |
| 6.1. <i>Soft Power</i> : breves considerações..... | 259 |
| 6.2. Brasil, país do futebol..... | 263 |
| 6.3. Argentina, de Videla às Malvinas..... | 281 |
| 6.4. Itália de <i>Duce</i> , <i>vencire o morire</i> | 291 |
| 6.5. <i>Real Madrid Club de Fútbol, Generalísimo e Campeonísimo</i> | 300 |
| 6.6. <i>Futbol Club Barcelona, més que un club</i> | 314 |
| 6.7. <i>Club Athletic Bilbao, con cantera y aficion no hace falta importación</i> | 331 |
| 6.8. BRICS, 2010–2014–2018..... | 341 |
| 6.9. China, de Yang–Tsé a Xi Jiping..... | 349 |
| 6.10. Qatar, Oryx, PSG, Neymar e Copa do Mundo..... | 353 |
| 6.11. FIFA, o centro da diplomacia da bola..... | 357 |
| Conclusão “Apito Final”..... | 365 |
| Posfácio..... | 371 |
| Referências..... | 373 |

Lista de abreviaturas e siglas

| | |
|----------|--|
| ADUG | <i>Abu Dhabi United Group</i> |
| AEG | <i>Anschutz Entertainment Group</i> |
| AFC | <i>Asian Football Confederation</i> |
| CAF | <i>Confédération Africaine de Football</i> |
| CAS | <i>Court of Arbitration for Sport</i> |
| CBD | Confederação Brasileira de Desportos |
| CBF | Confederação Brasileira de Futebol |
| CEO | <i>Chief Executive Officer</i> |
| CFCB | <i>Club Financial Control Body</i> |
| CONCACAF | <i>Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football</i> |
| CONMEBOL | <i>Confederación Sudamericana de Fútbol</i> |
| Conifa | <i>Confederation of Independent Football Associations</i> |
| COSENA | Comissão Seleccionadora Nacional |
| ETA | <i>Euskadi Ta Askatasuna</i> |
| FA | <i>Football Association</i> |
| FIFA | <i>Fédération Internationale de Football Association</i> |
| FERJ | Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro |
| FFP | <i>Financial Fair Play</i> |
| FPF | Federação Paulista de Futebol |
| ITC | <i>International Transfer Certificate</i> |

| | |
|----------|---|
| KSE | <i>Kroenke Sports & Entertainment</i> |
| Mercosul | Mercado Comum do Sul |
| MLS | <i>Major League Soccer</i> |
| OFC | <i>Oceania Football Confederation</i> |
| OIT | Organização Internacional do Trabalho |
| OTAN | <i>Organisation du Traité de l'Atlantique Nord</i> |
| RSTP | <i>Regulation on the Status and Transfer of Players</i> |
| SAD | <i>Sociedad Anónima Deportiva</i> |
| SDQU | Sociedade Desportiva Unipessoal por Cotas |
| SNI | Serviço Nacional de Informações |
| TMS | <i>Transfer Matching System</i> |
| TPO | <i>Third-Party Ownership</i> |
| UEFA | <i>Union of European Football Association</i> |
| VAR | <i>Video Assistant Referee</i> |

Prefácio

O futebol, tal como conhecemos hoje, remonta sua criação a outubro de 1863, quando, após uma série de reuniões que culminaram com a saída dos partidários da utilização das mãos (que formariam – oito anos depois – a associação de rugby), os representantes de onze colégios e universidades de diversas partes da Inglaterra, reunidos na *Freemason's Tavern* (onde se localiza atualmente a *Freemasons Arms*, em *Covent Garden*, Londres), chegaram a um consenso em relação às regras e fundaram a *Football Association – FA*, a federação nacional que até hoje representa a Inglaterra, sendo a única dentre as atuais 211 federações filiadas à FIFA que não ostenta o nome do país ou a nacionalidade em sua denominação oficial.

De lá para cá muita coisa mudou, não apenas em relação às regras do jogo (com o surgimento da figura dos árbitros, a colocação de redes nas metas, a criação da lei do impedimento, a possibilidade de substituições, a instituição dos cartões amarelo e vermelho e, mais recentemente, a implantação da arbitragem de vídeo), mas principalmente em relação à forma como o futebol foi sendo praticado, organizado e administrado no mundo todo, até chegarmos ao estágio atual de “atividade econômica”.

A globalização do futebol é uma realidade incontestável e irreversível. Independentemente de gostarmos ou não do que se convencionou chamar “futebol moderno”, o fato é que hoje a modalidade é disputada, apreciada e – principalmente – consumida nos quatro cantos do mundo. Com movimentação estimada de cerca de USD 750 bilhões por ano ao redor do planeta (somando-se receitas diretas e indiretas), o PIB gerado pelo futebol estaria entre as 20 maiores economias do mundo.

Lá em 1905, quando William McGregor, o visionário fundador da Football League inglesa, declarou que o futebol era um grande

negócio (“*Football is a big business*”), muitos o tacharam de louco. 115 anos depois, porém, nem mesmo o Sr. McGregor poderia imaginar a dimensão que o futebol alcançaria.

Nesse contexto, o amigo José Eduardo Coutinho Filho nos brinda com “*Futebol Globalizado – Paixão de bilhões, mercado de trilhões*”, leitura obrigatória aos amantes e estudiosos do futebol. Jovem advogado, porém com currículo já notável, desde os bancos universitários José Eduardo se destacava fomentando o debate do Direito Desportivo no Grupo de Estudos da UNESP (GEDiDe), do qual foi um dos fundadores.

Tive a grata oportunidade de conhecê-lo no Instituto Brasileiro de Direito Desportivo, entidade pioneira no desenvolvimento do estudo da matéria no país, que tive a honra de presidir por duas gestões. Nossos caminhos profissionais acabaram se cruzando anos depois, quando trabalhamos juntos no Departamento Jurídico do Sport Club Corinthians Paulista, local em que aprendi muito e onde até hoje ele colabora com seu entusiasmo e sua dedicação.

Com uma narrativa dinâmica e envolvente, o autor divide sua obra em quatro grandes partes, mesclando conceitos e exemplos, explicando-os de forma didática e extremamente atualizada, logrando êxito em produzir um texto de riquíssimo conteúdo teórico e empírico.

Na primeira parte do livro, sob o carro chefe das “transferências no futebol”, José Eduardo perpassa as áreas da globalização, da criação de um mercado de trabalho e de um mercado consumo, aborda as relações de trabalho e de emprego sob diversas óticas, bem como os aspectos regulatórios do mercado global das transferências – ou a falta destes-, avaliando os respectivos efeitos.

Nesta estruturante primeira parte destaca-se a discussão, até mesmo filosófica, acerca das transferências dos atletas de um clube a outro. Ao contrário de simplesmente sair de uma empresa para desempenhar a mesma função em outra, o atleta de futebol não pode simplesmente deixar um clube para trabalhar em outro. Haverá que se negociar um valor para a transferência (*transfer fee*) ou se pagar a cláusula indenizatória desportiva correspondente. Interessante, também, analisar as tabelas produzidas pelo autor com as transferências de países sul-americanos, africanos e asiáticos para as chamadas Big 5 (as cinco maiores ligas do mundo: Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália e França), bem como para outros mercados secundários, além da curva de valorização financeira do atleta ao longo de sua carreira.

Na segunda parte da obra, o autor discorre sobre a formação dos conglomerados transnacionais de clubes, antevendo e discutindo suas possíveis consequências ao futuro do futebol globalizado.

Não apenas os mais famosos exemplos de City Football Group e Red Bull são analisados, mas também a chamada *multi-club ownership*, além de interessantes organizações desconhecidas do grande público, como o Hyundai Group e o Anschutz Entertainment Group, e grupos controlados por pessoas físicas. Esta segunda parte é encerrada com uma instigante ponderação sobre tais conglomerados e o equilíbrio competitivo que deve permear as competições esportivas.

Na terceira parte, introduzida com poema do inigualável Carlos Drummond de Andrade, o autor nos conduz por uma seara administrativa, explicando o funcionamento da estrutura piramidal das entidades internacionais e nacionais que dirigem o futebol ao redor do mundo. Aborda experiências internacionais desenvolvidas pela FIFA e pelas Confederações continentais, sem olvidar, contudo, de experiências nacionais, como o Certificado de Clube Formador emitido pela CBF, além do belo trabalho desenvolvido pela CBF Social, e de algumas iniciativas de entidades locais, como a La Liga espanhola e a MLS norte-americana, com seu sistema de *salary cap*. A exposição demonstra a importância da implementação de um sistema de *fair play* financeiro e a necessidade de uma maior auto-regulamentação setorial, rememorando-nos que se tratam de entes privados, cuja autonomia deve ser exercida nos limites legais ou constitucionais do ordenamento jurídico de cada país.

Encerrando a obra em grande estilo, o autor discorre sobre o chamado *soft power* (forma de convencimento por meio da atração ou admiração, que privilegia a indução em detrimento da coerção), relacionando-o a situações futebolísticas. Trata-se da globalização do futebol analisada sob uma ótica fascinante, porém às vezes perigosa, quando o futebol é utilizado para fins bastante distantes de sua nobreza existencial.

Considerações históricas sobre como as ditaduras de Brasil e Argentina, além do fascismo italiano, utilizaram o futebol e as Copas do Mundo ou como o ‘Generalíssimo’ Franco utilizou o multicampeão Real Madrid para seus intentos, em contraposição ao amor catalão pelo FC Barcelona ou o sentimento basco pelo Atlético de Bilbao.

O autor expõe uma curiosa correlação entre a auto-afirmação dos BRICs em âmbito mundial mediante a organização de grandes eventos esportivos, com a África do Sul, Brasil e Rússia tendo organizado sucessivamente os mundiais de 2010, 2014 e 2018, e a China sinalizando

sua ambição de sediar a Copa do Mundo de 2034 ou mesmo já a de 2030. A relação entre o Qatar, o PSG e a Copa de 2022 também é objeto de análise. Um verdadeiro gol de placa!

Como se vê, mais do que uma obra completa e atualíssima, o autor nos apresenta um texto crítico e informativo, que estimula nossa reflexão acerca das mais variadas vertentes do futebol globalizado. Fôlego e mãos à obra! Pois a leitura é densa, extensa, porém altamente recompensadora.

Obrigado José Eduardo por este verdadeiro presente a quem quer conhecer e entender o futebol globalizado mais a fundo.

Luiz Felipe Guimarães Santoro

Advogado graduado pela Faculdade de Direito da USP, especializado em Administração Esportiva pela FGV/SP e MBA em Football Industries pela Universidade de Liverpool (Inglaterra).

Ex-Presidente do Instituto Brasileiro de Direito Desportivo (2007-2009 e 2010-2012), titular da cadeira no. 41 da Academia Nacional de Direito Desportivo e membro da Sociedade Brasileira de Direito Desportivo. Patrono do Grupo de Estudos de Direito Desportivo da Faculdade de Direito da USP. Apontado de 2012 a 2021 pela publicação inglesa Chambers & Partners como destaque no Direito Desportivo nacional e internacional (Sports Law – Band 1). Árbitro do Tribunal Arbitral do Esporte, com sede em Lausanne (Suíça).

Professor universitário, autor de livros e artigos publicados no Brasil e no exterior, destacando-se “Direito do Futebol”, publicado em 2019 pela Ed. Quartier Latin.

Desde agosto de 2019 ocupa o cargo de Diretor Jurídico da CBF

Prólogo

Não há dúvidas de que a origem e o desenvolvimento da presente obra está intimamente relacionado com minha trajetória acadêmica. Enquanto, para a conclusão de meu curso de graduação, analisei a legislação nacional referente à condição laboral do atleta profissional de futebol, para a dissertação de mestrado me propus a desenvolver um estudo sobre o futebol globalizado e a formação de um mercado internacional de transferências.

Em certa altura da elaboração da dissertação, para ilustrar uma hipótese específica, comecei a pesquisar sobre a transferência de atletas entre clubes de mesma administração, como por exemplo a do grupo *Red Bull* e do *City Football Group*. Foi então que, com muita surpresa, percebi o quão escassa era a pesquisa sobre esses grupos em toda sua complexidade. Os poucos estudos, nacionais ou estrangeiros, físicos ou virtuais, se limitavam a analisar episódios pontuais ou características específicas, sem, de fato, enfrentar a complexidade dessa nova forma de administração esportiva.

Diante desse cenário, justamente por sentir falta de um estudo aprofundado da matéria que optei por incluir em minha análise acerca do futebol globalizado uma parte específica para esses grupos, que, fazendo um paralelo com os conglomerados econômicos, denominei de “conglomerados esportivos”. Essa tese, inclusive, me rendeu o *Prêmio Valed Perry* do ano de 2020, oferecido pelo Instituto Brasileiro de Direito Desportivo, que laureia a melhor monografia *jusdesportiva* do ano.

A primeira vez que tive a oportunidade de apresentar o termo e sua conceituação foi ministrando uma aula na Escola Superior de Advocacia da OAB. Pelo interesse dos discentes e pelo alto grau do debate gerado, confirmei internamente que a temática merecia análise específica. Assumi que de nada adiantava criticar a falta de material acadêmico complexo sobre o tema sem me propor a também produzi-lo.

Terminada e defendida a dissertação, tive sentimentos mistos. Por um lado, senti que o material deveria ser compartilhado das mais diversas formas possíveis, para fomentar o estudo do Direito Desportivo. Por outro, senti que ainda tinha muito a debater antes de considerar o trabalho como definitivo.

Com isso, além de revisar e ampliar o trabalho apresentado como dissertação de mestrado, para a entrega dessa obra ainda abordei novos assuntos pertinentes, como a pluralidade de fontes do direito contemporâneo, com destaque à *lex sportiva*, a atuação das entidades privadas de administração do desporto para o fomento do futebol, além da utilização da modalidade como instrumento de *soft power*. Como resultado, a dissertação representa cerca de metade da obra.

Ainda, em muito agregando à obra, fui brindado com contribuições incríveis, na forma de prefácio e posfácio, de grandes profissionais e acadêmicos que me são grandes referências *jusdesportivas*.

A intenção dessa obra é, além de contribuir aos estudos do Direito Desportivo, ser acessível e agradável também aos que simplesmente são entusiastas do esporte. Nesse sentido, procurei não me ater somente aos elementos jurídicos, trazendo também conceitos esportivos, comerciais, econômicos, históricos, sociológicos, publicitários, e, inclusive, líricos, recorrendo aos poetas da bola para proporcionar uma leitura mais agradável.

O desenvolvimento do futebol depende, acima de tudo, de que todos nós, amantes do *esporte bretão*, na medida do possível e dentro de nossas possibilidades, sigamos apoiando e fomentando o esporte. Afinal, como já diria Eduardo Galeano, nada se compara ao futebol.

José Eduardo Coutinho Filho

Mestre e Bacharel em Direito pela Universidade Estadual Paulista – FCHS/UNESP. Cursando o MBA em Gestão de Projetos pela Universidade de São Paulo.

Gestor Desportivo diplomado pela CONMEBOL.

Membro Fundador e Conselheiro Emérito do Grupo de Estudos de Direito Desportivo da UNESP (GEDiDe). Membro do Grupo de Estudos do Instituto Brasileiro de Direito Desportivo (IBDD). Aluno Especial da Cadeira de Direito do Desporto do Mestrado em Direito da Universidade Nova de Lisboa (FD-UNL).

Advogado do Sport Club Corinthians Paulista.

Introdução

“Aquecimento”

É inegável que o fenômeno da globalização progressivamente aumenta seus efeitos na sociedade contemporânea. Poucas, para não se dizer nenhuma, são as esferas sociais que não foram afetadas e passam atualmente por transformações decorrentes da globalização.

Dentre todas, para o recorte do presente estudo, destacam-se as relações de trabalho e a modalidade esportiva do futebol. Não é segredo que as relações de trabalho, ainda que em sentido informal, já ultrapassam séculos de existência e se confundem com a história da humanidade. Impossível se cogitar um agrupamento humano onde não existira trabalho, mesmo que de forma rudimentar. Conheceu uma grande modificação com a Revolução Industrial Inglesa do Século XVIII, momento em que se alterou a percepção do homem com o trabalho. Com a chegada do Século XX e, sobretudo, do Século XXI, as relações de trabalho se viram novamente em plena transformação com o crescimento do fenômeno da globalização, questionando fronteiras, ligando continentes e combinando diferentes culturas¹.

O futebol, por sua vez, também tem seu embrião em um período distante, séculos atrás. Há registros de atividades humanas semelhantes ao futebol datadas de 2600 a.C. na China, onde o senhor Yang-Tsé inventou o que denominou de “kemari”, que tinha como objetivo passar, com os pés, uma bola por entre duas estacas feitas de bambu. Os gregos, por sua vez, tinham uma atividade semelhante, denominada “espyros”. Para os romanos, o “harpastum”².

¹ NICOLAU, Jean Eduardo. **Direito Internacional Privado do Esporte**. São Paulo: Quartier Latin, 2018

² VEIGA, Maurício de Figueiredo Corrêa da; SOUSA, Fabrício Trindade de. **A evolução do futebol e das normas que o regulamentam: aspectos traba-**

A chegada da Idade Média não diminuiu a prática das atividades com bolas, em especial na Europa. Existem registros de partidas semelhantes ao futebol em locais hoje conhecidos como Inglaterra, França, Itália e Escócia.

No entanto, apesar da divergência sobre o possível embrião da modalidade, sua origem formal data de 20 de outubro de 1863, na *Freemason's Tavern, na Great Queen Street*, em Londres, Inglaterra, quando representantes de clubes e seus capitães bem como dirigentes de escolas reuniram-se para unificar as regras da modalidade. O encontro também marca a fundação oficial da “*Football Association*”, a Associação de Futebol Inglesa³.

A expansão do futebol está intrinsicamente ligada à sua origem inglesa. O país se encontrava em um período de grande prosperidade e expansão territorial com a influência do Império Britânico. A Inglaterra, além de exportar seus produtos fabris e sua tecnologia também exercia sua influência cultural. Com isso, o futebol, já popular na Ilha, rodou o globo com a marinha inglesa.

Além da expansão do Império, o período também contou com o grande desenvolvimento dos transportes ferroviários e da imprensa. Surgiram grandes inventos como o telégrafo, o telefone e a rotativa, que facilitavam em muito a rápida comunicação.

Fato é que a modalidade como se conhece hoje chega à França em 1872; à Suíça, em 1879; à Bélgica, em 1880; à Alemanha, Dinamarca e Holanda, em 1889; à Itália, em 1893; aos países da Europa Central, em 1900.

Com a progressiva internacionalização e profissionalização da modalidade, era inevitável a criação de uma federação internacional para uniformizar e regular as regras do futebol e promover partidas internacionais. Então, em 1904 é fundada a *Fédération Internationale de Football Association*, FIFA, que inicialmente contava com entidades representativas do futebol da França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça como filiados.

A velocidade da expansão do futebol foi tão impressionante que, já em 1930, era realizada a primeira Copa do Mundo de Futebol, no

lhistas-desportivos. São Paulo: LTr, 2013

³ VEIGA, Maurício de Figueiredo Corrêa da; SOUSA, Fabrício Trindade de. **A evolução do futebol e das normas que o regulamentam:** aspectos trabalhistas-desportivos. São Paulo: LTr, 2013

Uruguai, contanto com as seleções nacionais de países da Europa, América do Sul e do Norte⁴.

Além de sua rápida expansão auxiliada pelo poderio inglês, é inegável que a globalização possui um papel fundamental na evolução do futebol. Hoje a modalidade alcança todos os continentes do mundo, contanto com bilhões de torcedores espalhados pelo globo. Seu mercado movimentava cifras astronômicas e emprega milhões de pessoas. Para ilustrar sua magnitude, hoje a FIFA conta com 211 federações nacionais a si vinculadas, número superior aos países-membros da Organização das Nações Unidas.

Com o desenvolvimento da modalidade, naturalmente, o futebol aos poucos deixou o amadorismo se tornando uma atividade profissional, contando com inúmeros trabalhadores das mais diversas formações. Foi, então, que as relações de trabalho e o futebol se encontraram⁵.

Diante de seu caráter global, a regulação das relações laborais no mundo da bola não se limitam ao âmbito público estatal. A realidade é que o futebol globalizado possui sua própria legislação privada, objeto de relevante interesse acadêmico.

Na mesma linha, o desenvolvimento da modalidade propiciou a formação de um mercado global de transferências no futebol, com lógica e estrutura *sui generis*, que merecem análise pormenorizada.

Destaca-se, também, a formação dos ora denominados “Conglomerados Esportivos”. São casos inovadores no universo do futebol em que estão sendo formados impérios globais de clubes de um mesmo grupo de investimento. Os exemplos mais evidentes são do “*City Football Group*”, que possui equipes de futebol na Inglaterra, Estados Unidos, China, Uruguai, Índia, Japão, França, Espanha e Austrália⁶, e também do grupo *Red Bull*, com clubes espalhados pela Áustria, Alemanha, Estados Unidos e Brasil, formando grupos semelhantes à empresas transnacionais.

Porém, devido à rápida transformação do futebol, há situações em que a modernização da modalidade está além de sua maturidade estrutural.

⁴ VEIGA, Maurício de Figueiredo Corrêa da; SOUSA, Fabrício Trindade de. **A evolução do futebol e das normas que o regulamentam: aspectos trabalhistas-desportivos**. São Paulo: LTr, 2013

⁵ BARP, Rodrigo. História da globalização do futebol. **Universidade do Futebol**, São Paulo, 25 fev. 2009. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/historia-da-globalizacao-do-futebol-2/>. Acesso em: 02 fev. 2019

⁶ CITY FOOTBALL GROUP. Our story. Manchester, s.d. Disponível em: <https://www.cityfootballgroup.com/Our-Story>. Acesso em: 10 set. 2020

Ao se analisar os exemplos supramencionados, muitos são os questionamentos a possíveis. No caso da limitação da inscrição de estrangeiros por uma federação nacional, o que ocorrerá com os europeus inscritos em clubes ingleses com a concretização do “*Brexit*”?

Ainda, qual classificação jurídica pode receber os mencionados “Conglomerados Esportivos”? Seriam equiparáveis a empresas transnacionais? Poderia se classificar como grupo econômico em relação a direitos trabalhistas? E, também, como lidar com o conflito de interesses econômicos e esportivos nos casos em que equipes do mesmo grupo se enfrentem em uma competição?

Por fim, o que fazem e podem fazer as entidades de organização do esporte para o desenvolvimento da modalidade no mundo globalizado?

Logo, em poucas linhas resta evidente que muitas são as questões envolvendo o momento do futebol contemporâneo com os efeitos do processo de globalização. Muitos são os direitos trabalhistas e sociais a serem analisados e pontuados, justificando-se o interesse acadêmico da pesquisa.

O presente estudo almeja analisar a evolução do futebol e os efeitos que o processo de globalização pode trazer à modalidade, bem como propor a reflexão sobre a necessidade e a viabilidade de regulação do mercado de transferências global de futebol, como singular e suscetível, por entes públicos e privados, tutelando os direitos dos agentes envolvidos.

Também, compreendendo a relevância do futebol na sociedade, será examinado seu potencial promotor de direitos humanos e sociais, bem como a forma pela qual as entidades de administração do desporto protegem e fomentam o esporte.

Para seu desenvolvimento, a reflexão foi dividida em quatro partes.

Na primeira parte, serão abordadas as transformações do futebol geradas pelo processo de globalização, para compreender a transformação da modalidade de um jogo recreativo para um mercado complexo e global, que emprega milhões de trabalhadores. No mesmo sentido, será proposta a reflexão acerca das condições laborais do estrangeiro no futebol, tratando sobre as transferências internacionais, inclusive de menores, bem como sua normatização através dos regulamentos privados das entidades de administração do desporto.

A segunda parte é reservada para a análise do processo de formação e forma de operação dos conglomerados esportivos, que, de maneira inovadora, atuam de modo semelhante a empresas transacionais no universo desportivo.

Ainda, tendo o futuro da modalidade como horizonte, na terceira parte serão examinadas as ações e os projetos das entidades de administração do futebol, com destaque aos seus programas de desenvolvimento.

Por fim, a quarta parte, compreendendo a relevância do futebol na sociedade contemporânea, será dedicada à análise de sua utilização como elemento de *soft power* na sociedade contemporânea

“Mais do que uma obra completa e atualíssima, o autor nos apresenta um texto crítico e informativo, que estimula nossa reflexão acerca das mais variadas vertentes do futebol globalizado. Fôlego e mãos à obra! Pois a leitura é densa, extensa, porém altamente recompensadora. Obrigado José Eduardo por este verdadeiro presente a quem quer conhecer e entender o futebol globalizado mais a fundo.”

Luiz Felipe Guimarães Santoro

“A intenção dessa obra é, além de contribuir aos estudos do Direito Desportivo, ser acessível e aprazível também aos que simplesmente são entusiastas do esporte. Sendo assim, além dos elementos jurídicos, estão presentes conceitos esportivos, econômicos, históricos, sociológicos, publicitários, e, inclusive, líricos, recorrendo aos poetas da bola para proporcionar uma leitura mais agradável. O desenvolvimento do futebol depende, acima de tudo, de que todos nós, amantes do esporte bretão, na medida do possível e dentro de nossas possibilidades, sigamos apoiando e fomentando o esporte. Afinal, como já diria Eduardo Galeano, nada se compara ao futebol.”

José Eduardo Coutinho Filho

